

São duas fotografias impressas a partir do mesmo negativo. Iguais, poder-se-ia dizer, se não fosse a diferença tonal entre elas. A foto que chamarei de número um apresenta uma escala restrita das variações do cinza, já a foto número dois revela uma gama de tons muito mais rica. Esta, com certeza, de maior qualidade. Que diferença é essa, então? O que percebemos é que na fotografia número dois há uma elaboração artística, um empenho poético por parte do artista. Uma intuição artística que deve ser combinada a um conhecimento do aparato técnico. Essa premonição, que faz com que o artista olhe para alguma cena e veja que ali existe uma poética, é algo que escapa da lógica. E é essa percepção estética que é captada pelo espectador que faz com que ali seja reconhecida a arte. Mas nem sempre a fotografia recebeu o estatuto de obra de arte. Durante o modernismo, houve uma busca por novas formas de expressão e novos materiais. A fotografia era tida, então, como uma forma de registrar produções com caráter efêmero, que só poderiam ser vistas por todos a partir do registro fotográfico. Nesse tipo de trabalho, a fotografia é usada, mas não trabalhada pelo artista. A pesquisa terá como foco o momento de ruptura, em que a fotografia ganha uma valorização estética por parte do campo artístico. Buscará captar dados para assim entender o processo de mudança do *status* da fotografia. Para isso, foi necessária a busca por uma bibliografia adequada, além da investigação de artistas que se enquadrem no escopo da pesquisa. Esta que, no momento, está a analisar o material estudado. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico na área de estética e arte. Iniciada recentemente, ainda não apresenta conclusões definitivas. A interdisciplinaridade entre a filosofia e a arte é fundamental para um bom resultado da pesquisa.